

Editora
Charme

WUNDER LOCKE

MARIANA ZAPATA

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E USA TODAY

Under Locke © 2014 Mariana Zapata
Direitos autorais de tradução © 2023 Editora Charme.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2023

Capa - Emily Wittig Designs

Adaptação de Capa e Produção Editorial - Verônica Góes

Tradução - Monique D'Orazio

Preparação e Revisão - Equipe Editora Charme

Imagens internas - AdobeStock

Esta obra foi negociada por Agência Literária Riff Ltda, em nome de
DYSTEL, GODERICH & BOURRET LLC.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K34p

Keeland, Vi

Proposta de verão / Vi Keeland ; tradução Laís Medeiros. - 1. ed. - Campinas
[SP] : Charme, 2023.

392 p. ; 22 cm.

Tradução de: The summer proposal

ISBN 978-65-5933-140-6

1. Romance americano. I. Medeiros, Laís. II. Título.

23-85549

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

***Sei que isso não é o suficiente, mas espero que entendam
que uma infinidade de gratidão ainda não seria suficiente.
Amanda, Grace e Dell, obrigada por me aturarem ao longo disto.***



Pins and Needles.

A placa do estúdio pairava à minha frente. Ameaçadora. Um mau presságio.

Droga. Droga. *Droga.*

Eu estava prestes a vomitar.

E não ia ser um vômito bonitinho como quando você é bebê e até um peido pode ser considerado fofo. Ia ser nojento. Nojento tipo um jato de vômito de um filme de terror.

E se não bastasse, imediatamente depois de vomitar no painel do meu Ford Focus de doze anos, eu ia começar a me debulhar em lágrimas. E exatamente como o meu vômito, seria nojento. Não seria elegante nem livre de meleca de nariz, e eu provavelmente ia parecer um babuíno ofegante.

O número branco no meu painel marcava 15:55.

Putá merda.

Meu estômago revirou ao mesmo tempo em que lágrimas de nervosismo ameaçavam brotar nos meus olhos.

Em que porra você estava pensando, Iris?

Deixar a única casa que eu já tinha conhecido. Me mudar para Austin. Morar com Sonny.

Ficar sem dinheiro algum havia me deixado desesperada. Saber que minha conta bancária sangrava em uma morte lenta me retorcia até parecer que eu ia virar um pano seco. Me despia da minha própria

essência, orgulho, perseverança e, aparentemente, da capacidade de fazer boas escolhas.

Porque alguém que fazia boas escolhas não aceitaria o emprego de um homem como Dex Locke.

As 15:56 piscaram no relógio.

Com dedos trêmulos, tirei a chave da ignição e saí do carro. Por sorte, encontrei um lugar no estacionamento ao lado do centro comercial da moda onde o estúdio ficava localizado. Com telhas de cerâmica e paredes *off-white* com uma pintura manchada, a aparência geral parecia estar em grande desacordo com a reputação que um estúdio de tatuagem frequentado por motoqueiros deveria ter, especialmente quando ficava localizado bem entre uma agência imobiliária e uma *rotisserie*.

Quero dizer, não deveria ser perto de um clube de strip e algum lugar de massagem que promettesse um final feliz?

Eu não deveria e não poderia reclamar. Disso eu sabia. Não havia nenhuma razão para que sequer pensasse em me sentir menos do que agradecida por Sonny ter encontrado esse emprego para mim quando eu estava desempregada havia mais de seis meses. A gente não tinha ideia do que era desespero até que restassem menos de cem dólares na conta bancária e nenhuma perspectiva de emprego.

Acho que esse era o problema com um diploma de artes em uma faculdade comunitária. Escolaridade alta demais para ganhar um salário-mínimo e insuficiente para um emprego bem remunerado, a menos que você tivesse sorte.

E sortuda eu não era.

Azar tinha sido o motivo pelo qual me vi atravessando a rua às pressas até a Pins and Needles, de olho na Harley Dyna preta com pintura acetinada estacionada bem em frente ao estúdio. Com exceção da cor, a estrutura era exatamente igual à da moto de Sonny. Uma prima jovem da moto que meu pai teve na época dele.

O que era uma rota por onde eu não ia seguir. Não, senhor.

À medida que eu me aproximava do vidro fumê da fachada, notei o nome do estúdio ilustrado ali em uma fonte grande e pesada clássica.

Segurei a ânsia de vômito.

Deus, minha mãe ia se revirar no túmulo se soubesse o que eu estava fazendo.

Sonny havia me ligado duas horas antes, me passado um endereço e dito para eu estar lá às 16h. Vasculhei minha mala procurando roupas de trabalho e peguei a primeira camisa, calça e cardigã que não estavam muito amassados. Não tinha certeza de quanto tempo levaria para chegar ao estúdio, e me atrasar era uma grande implicância minha, então me apressei para me arrumar. Depois de chafurdar na pobreza por tanto tempo, não pude deixar de pensar que a ligação dele era uma espécie de milagre.

Até que ele mencionou o nome de Dex.

Mas que alternativa eu tinha? Era por isso que eu tinha vindo para Austin.

Enfim, não esperava nada incrível e, na verdade, não precisava de nada especial em um trabalho. Era perfeitamente feliz atendendo telefones o dia todo e planejando as férias dos sonhos de outras pessoas na agência de cruzeiros. O movimento era meio parado, mas tanto fazia. Havia muito tempo, eu tinha dito a mim mesma que não reclamaria de coisas sem importância e não planejava começar agora.

Quero dizer, chato e monótono era seguro.

Eu tinha me tornado chata e monótona desde o momento em que completara dezesseis anos, quando fui trabalhar em uma imobiliária, depois em um sebo, seguido de vender remédio para emagrecer, ser babá de cachorro, cuidar de crianças em uma creche e arquivar fichas em uma clínica médica. Fiz o que tinha que fazer para pagar as contas. Então, desde que não estivesse me prostituindo ou tendo que fazer ligações de cobrança, eu praticamente aceitaria qualquer coisa que pudesse conseguir.

Só que não esperava um trabalho com o infame Dex. Um homem de quem eu tinha ouvido falar o suficiente em dez minutos para saber que eu não ia exatamente trabalhar para o Papa.

Notório, sim. Mau, sim. Reformado como eles fizeram parecer? Eu duvidava.

Pensávamos que meu pai havia saído “reformado” e não foi exatamente assim que isso funcionou.

Dane-se. Qual era a pior coisa que poderia acontecer? Eu havia

crescido com um criminoso. Um motoqueiro. Eu havia amado aquele motoqueiro criminoso por mais tempo do que ele merecia.

Meu meio-irmão era motoqueiro, mas não criminoso. E eu também amava aquele idiota.

Eu conhecia coisas muito mais assustadoras do que um motoqueiro grande e mau com uma ficha criminal. Um emprego novo não seria nada em comparação, certo? Certo.

“*Cajones, Iris*”, teria dito minha *yia-yia*, em um espanhol com um forte sotaque grego. Então abri a porta pesada e brilhante, pronta para o que quer que estivesse esperando por mim do outro lado.

O que me impressionou imediatamente foi toda a luz natural do local. A luz amarelo-alaranjada que entrava iluminava as dezenas de jornais emoldurados e artigos de revistas pendurados na parede azulada. Um artigo de revista imediatamente chamou minha atenção com sua fonte vermelha vítrea anunciando:

“Tattoo do Ano”

Duas namoradeiras de couro preto estavam posicionadas contra a janela da entrada com uma mesa de centro preta laqueada diretamente entre elas. Em frente aos assentos havia uma mesa lisa, muito longa e de aparência moderna que combinava com a mesinha de centro. Nela, havia um computador em um canto. Eu mal tinha começado a observar duas estações de tatuagem atrás da área de espera quando uma voz masculina gritou:

— Aguenta aí que eu já vou!

Olhei em volta o mais rápido que pude, notando mais duas estações idênticas à esquerda.

Vi outro artigo intitulado **“Cheiro de Sucesso: Locke e Cia.”** enquadrado bem na minha visão periférica.

Será que eu poderia trabalhar em um estúdio de tatuagem?

Pensei por um segundo sobre o único outro lugar de onde eu tinha recebido um e-mail de retorno, e a vaga de garçom no clube de strip não era exatamente atraente. Eu tinha uma amiga que trabalhava em

um salão depilando as partes íntimas das pessoas. O que era visto não podia ser desvisto, ela me disse uma vez.

Então, sim. Eu poderia. Não tinha escolha.

— Você é a garota do Sonny? — a profunda voz de barítono perguntou do fim do corredor, no ritmo do guinchado baixo de botas no piso de ladrilho.

Meio que aconteceu em câmera lenta. Virando. Ficando cara a cara com ele.



Devo dizer que a primeira — e única — vez que vi Dex Locke havia sido na semana anterior, no Mayhem.

Sonny tinha me arrastado para o bar por pura manipulação. Eu acabara de chegar em Austin, não fazia nem duas horas.

E, provavelmente, não ajudava que eu meio que... tinha ido sem avisar.

Foi uma viagem de última hora. Até o instante em que entreguei as chaves do meu apartamento, não tinha certeza do que exatamente estava fazendo. Não que houvesse muitas opções. Poderia ir de carro até a casa de Sonny no Texas ou rumar para o norte e morar no sofá da casa de Lanie, em Cleveland. Depois de ter morado com ela por um ano e sabendo que ficaria com ela e seus pais, ir para a casa de Sonny não parecia uma decisão difícil.

Era inevitável.

Mas, por outro lado, meus pais haviam me mantido na Costa Leste por um motivo. Uma razão que eu estava claramente jogando no lixo e possivelmente tocando fogo.

— Vai ser divertido — ele tinha me dito a princípio. — Muitas pessoas se lembram de você de quando era criança — ele continuou, sabendo que eu era louca por ele.

Sonny queria me convencer de alguma coisa, porque não parava de

tagarelar.

— Só porque você viveu na Flórida não significa que não nasceu aqui.

Como uma idiota, e porque eu amava Will e Sonny na mesma medida, mesmo que ele fosse apenas meu meio-irmão, eu me apaixonei por essa ideia. Nós havíamos nos arrastado para o Mayhem para que ele pudesse me dar as boas-vindas ao seio da família da qual eu havia sido separada.

Durante o trajeto, eu só havia pensado na minha mãe. Era uma bênção ela não estar por perto para me estrangular com as próprias mãos, sorrindo durante todo o processo de me sufocar até a morte.

Surpreendentemente, foi tudo bem.

O Mayhem era enfumaçado e tinha um leve cheiro de mijo e um cheiro não tão leve de cerveja. O lugar era velho, com balcões manchados e pisos de madeira desgastados que tinham visto décadas melhores. Mesas de sinuca posicionadas do outro lado do bar cheiravam a... sim, aquilo era maconha. Eu tinha certeza —apenas cerca de 99% de certeza — de que era ilegal fumar lá dentro, mas não ia reclamar da abundância de homens tatuados e com coletes de couro que lotavam o recinto.

Como um pavão orgulhoso, Sonny havia me acompanhado pela pista, por entre multidões de pessoas que beiravam a condição de chapados e foi classificando aquela cena ridícula. Barulhento, extrovertido, espalhafatoso, jovem, velho, peludo, não tão peludo, tatuado, não tão gordo. As características que definiam os integrantes do MCFV variavam em todo o espectro.

Depois que fui direcionada para um banquinho no meio do bar, Sonny e seu amigo muito loiro, muito paquerador e muito barbudo, Trip, vieram e ficaram um de cada lado meu.

Era um pouco estranho, eu acho. Durante a infância e a adolescência, tinham sido apenas Will e eu. Sendo a mais velha, sempre cuidei do meu irmão; era a pessoa que ameaçava arrancar órgãos pelos orifícios se alguém não o deixasse em paz. Eu tinha sido a protetora. Aquela que limpava sua bunda quando ele era muito pequeno para fazer isso sozinho sem se sujar mais de cocô do que limpar.

Então, ter Sonny por perto, preocupado que seus amigos se

aproximassem demais ou me dessem olhadas de que ele não gostava, era estranhamente bom.

Eu mal estava sentada lá fazia um minuto, um minuto inteiro, solitária e minúscula em um bar que tinha sido tão fortemente defumado ao longo dos anos que o cheiro escorria da madeira como suor em um atleta profissional. Um bar que pertencia a um grupo de pessoas perto do qual meus pais não queriam que eu fosse criada. Um total de sessenta segundos antes que a multidão barulhenta explodisse em gritos bem perto da porta.

Trip resmungou, lançando um olhar de soslaio para Sonny, balançando a cabeça como se o que quer que estivesse acontecendo fosse notícia antiga.

— Tem alguém de chico.

— Para de ser tão dramático, ele nem sempre está de TPM. — Ele me deu uma olhada. — Sem ofensas.

Levantei as mãos e dei de ombros.

— Ah. — Eu seria hipócrita se dissesse que não virava um zumbi mal-humorado quando estava menstruada.

Trip revirou os olhos com o comentário do meu irmão.

— Só estou dizendo, Son, que já era de se esperar que ele estivesse de boa a essa altura. Não ensinam coisas melhores do que contar até dez naquelas aulas que ele teve que fazer? — Ele riu, olhando por cima do meu ombro. — Babacão.

Minha vadia bisbilhoteira interior se animou com todas as pistas que eles estavam deixando. Aulas de controle de raiva?

— O que aconteceu? — perguntei em um sussurro conspiratório.

— Está tudo bem, Ris. — Sonny lançou a Trip um olhar irritado. — Ele teve problemas de raiva há muito tempo. Agora ele está bem.

— Não sei de quem vocês estão falando. — Com certeza, o homem a quem eles estavam se referindo não tinha “Problemas de Raiva” tatuado na testa. Eu nem o tinha visto ainda.

— Dex.

Pisquei sem entender, mesmo com a explicação de Trip.

— Locke? — ele disse como se isso significasse algo para mim. Não significava.

Sonny segurou o topo da minha cabeça e balançou.

— Não se preocupe com isso, garotinha. Tenho certeza de que vou te apresentar para ele uma hora ou outra.

Naquela época, pensei comigo mesma que não era como se eu realmente me importasse se conheceria ou não alguém que estava constantemente zangado.



Ombros e peito.

O cara, de alguma forma, era todo músculos, trapézio e peitorais elegantes quando o vi pela primeira vez de perto. Uma camiseta preta justa com decote em V esticada sobre ombros largos, mal escondendo duas mangas completas de tatuagem chamativas que subiam do pulso e desapareciam sob a camisa justa.

Isso por si só já me provocou uma leve morte cerebral, embora eu devesse ter pensado melhor antes de deixar meus hormônios correrem desenfreados. Eu realmente nunca tinha tido uma opinião muito definida sobre tatuagens serem ou não um grande obstáculo quando eu desejava um cara, mas... pelo calor que subiu pelo meu pescoço, eu era fã. Estava distribuindo ingressos para a temporada.

Continuei olhando enquanto ele reduzia a distância entre nós, uma pasta portfólio enfiada sob um braço longo e musculoso que chamou minha atenção para os centímetros de pele colorida de vermelho que o decote da camiseta mostrava tatuados no peito. No Mayhem, eu estava muito longe naquela loucura para ver mais do que apenas manchas de cor sólida na sua pele.

Putá merda.

Eu deveria ter ficado feliz pelo boné esconder seus traços faciais no bar e eu ter tido tempo de apreciar a magnificência que era a parte superior do seu corpo tatuado, sem a distração adicional de um rosto que fazia meus ovários gritarem *glória, glória, aleluia*. Seus ombros

largos e antebraços com veias grossas eram mais do que suficientes para fazer uma garota ficar olhando. Porque o rosto dele... Jesus, putz. *Jesus. Putz.*

Eu ia pedir de Natal ao Papai Noel o irmão gêmeo bonzinho dele.

— Oi! — gritei, a voz esganiçada. Homens gostosos estavam na minha lista de pessoas que me deixavam nervosa e, portanto, me faziam agir como uma idiota mais do que o normal. Como se saber que eu trabalharia para um homem que tinha sido preso por agressão não fosse estressante o suficiente. — Sou a irmã dele, Iris — eu o corriji. Meu sorriso estava torto, com certeza. — Meia-irmã, para ser específica.

O cara com o rosto mais marcante já criado piscou para mim.

Caramba, ele era muito lindo de uma forma muito masculina e visceral. Diferente dos homens que eu via com tanta frequência na minha cidade, que usavam mais produtos para a pele do que eu. As maçãs do rosto altas e angulosas, que pareciam afiadas o suficiente para cortar granito, e eram talhadas junto com um maxilar duro e quadrado que precisava ter sido barbeado no dia anterior. Tinha os olhos mais puramente azuis que eu já tinha visto. Eram profundos e ficavam acima de um nariz quase reto. Quanto aos seus lábios *meu-pai-do-céu*, eu sabia que deviam ter sido usados milhares de vezes — seria uma pena se não fossem. O cara era dono da estrutura óssea masculina mais impecável que eu já tinha visto.

Aqueles olhos azuis estavam fixos no meu rosto, sem piscar e sem expressão.

Eu tinha feito algo de errado?

Olhei para o que eu estava vestindo: um cardigã bege cobria minha camisa social rosa-clara de manga curta que milagrosamente não tinha amassados — graças a Deus — e calça de alfaiataria marrom-escura. Era algo que eu usaria em um dos meus antigos empregos. Olhei com mais detalhe para ter certeza de que minhas roupas não estavam manchadas.

Não estavam.

Ainda assim, ele me fixava com um olhar intenso, parecendo completamente indiferente. Tão distinto do homem carrancudo que eu tinha visto sangrar e puxar uma pequena loira atrás dele quando saiu do Mayhem na semana anterior. Havia apenas uma pequena casquinha

na ponta da sua sobrancelha que servia de lembrança daquela noite.

— Você está atrasada.

Ãh, o quê?

Olhei para o meu relógio azul metálico barato e vi que eram quatro da tarde em ponto.

— Ah. Eu pensei que deveria estar aqui às quatro.

Não foi isso que Sonny disse? Pensei na ligação. Não havia como eu ter ouvido errado.

Ele olhou para mim, sua expressão imóvel. Aquele rosto bonito e duro era um bloco de concreto com barba por fazer.

— Tenho um negócio para administrar, garota. Estou fazendo um favor ao Son contratando você. O mínimo que pode fazer é chegar na hora.

Foi a deixa para minha boca ficar escancarada.

Esse cara era louco?

— Desculpe — respondi ao homem, olhando para o cabelo preto-azulado que despontava em dez direções diferentes, apenas ligeiramente domado pelo boné. Não havia como eu errar a hora, eu sabia, mas de que valia discutir com ele? Eu precisava do emprego.

— Realmente pensei que Sonny tinha dito quatro da tarde. — Lancei a ele um sorriso cuidadoso e desconfiado. — Não vai acontecer de novo.

Ele nem se incomodou em responder. Balançando dois dedos tatuados na minha direção, acenou para que eu avançasse. Com isso, ele estava me levando a uma vida à qual eu não tinha tanta certeza de que estava destinada.

— Vamos, não tenho o dia todo para te mostrar como fazer as merdas.



— Preciso que você atualize isso toda sexta-feira. Entendeu?
Entendeu? *Entendeu?*

Eu estava era f... Não, não tinha entendido.

Como diabos alguém percorria o funcionamento interno do QuickBooks em menos de vinte minutos? Eu ia precisar de alguém para me explicar como isso era possível, porque não tinha ideia.

Eu não era idiota, nem uma pessoa lenta em qualquer medida —pelo menos eu gostava de pensar assim —, mas ele havia maximizado a tela do programa com cliques mais rápidos do que meus pobres olhos conseguiam acompanhar. Em um minuto, ele estava explicando algo sobre despesas e, no seguinte, começou a tagarelar sobre como salvar os arquivos em uma pasta específica. Eu tinha entendido... talvez metade.

Ok, sendo realista, tipo um quarto.

Por um breve momento, enquanto eu estava olhando para o bloco de anotações que ele havia deslizado sobre a mesa quando eu o havia seguido para aquele lugar, pensei em lhe pedir para me mostrar mais uma vez para que eu pudesse fazer anotações melhores. Porque isso não era desnecessário, era? Quero dizer, quem aprendia as coisas perfeitamente de primeira por aí? Eu tinha levado pelo menos três tentativas para descobrir como usar corretamente o recurso de gelo em cubos na geladeira do Sonny.

E então olhei para ele, Dex Locke. Seu corpo grande se inclinava sobre a borda da mesa marrom-escuro, uma tatuagem vermelha espreitando o mundo sob a gola da sua camiseta, o canto da boca surpreendentemente carnuda torcido apenas um pouco para o lado... e

eu amarelei.

— Entendi.

Que. Mentirosa.

Uma covardezinha e uma mentirosa. Patética.

Ele acenou para mim rapidamente e começou a abrir um arquivo na área de trabalho intitulado “Isenções”. Lá íamos nós de novo.

Monossílabos. Acenos rápidos. Estritamente profissional.

A certa altura, ele se levantou para “ir mijar” e aproveitei para olhar em volta pela primeira vez depois de segui-lo como um cachorrinho perdido. Quando eu havia entrado, aqueles olhos azuis cristalinos e duros eram uma forma de impaciência, então me concentrei em me sentar na cadeira que ele arrastou ao redor da mesa e segui junto. Minha chance de bisbilhotar finalmente se apresentou.

O escritório não era nada do que eu esperava. As paredes eram de um branco claro e brilhante, quase nuas, com exceção de dois artigos emoldurados e... aquelas televisões eram telas montadas no canto? Podia ser. Ele não parecia o tipo de pessoa que via novela de tarde.

A arte colorida foi a primeira coisa a chamar minha atenção. Um polvo vermelho furioso e flamejante circulava pelo papel no que parecia ser tinta a óleo. Tentáculos giravam e se curvavam em linhas que se partiam. Com cores fortes e cheio de tanta vida, parecia estranho ser mantido cativo no papel.

A outra moldura, logo ao lado do polvo, exibia uma arte feita com tinta preta. Tinta preta que esboçava uma imaculada réplica da insígnia do Moto Clube Fábrica de Viúvas. A que eu tinha visto no bíceps do meu pai por anos. Aquela que, até eu vir para ficar com Sonny, tinha sido apenas um sinal das coisas supostamente terríveis das quais eu estava protegida.

Coisas ruins que minha mãe me contava para me deixar com medo, mas afastei esse pensamento e continuei olhando em volta. A memória da minha mãe era para uma época diferente. Ela já ocupava tanto espaço naquela pequena área designada que deixei sua memória descansar. Um lugar para o qual eu não queria ser sugada.

O resto do pequeno escritório consistia na grande escrivaninha, duas cadeiras acolchoadas combinando e um armário que ocupava o canto.

Era quase imaculadamente limpa. Havia também uma pitada de fumaça de cigarro no ar.

Hum.

— Tem cheiro aqui ou algo assim? — aquela voz profunda e rouca que ouvi na última hora perguntou da porta.

Olhei para ele e sorri. Ele sorriu de volta? Não. Mas ignorei e levantei um ombro.

— Você fuma?

Dex respirou tão profunda e longamente que pareceu durar um minuto inteiro.

— Quando estou a fim.

Quase torci o nariz. *Quase*. Porque eu odiava cigarros, embora duvidasse de que o resquício quase inexistente me incomodasse. Balancei a cabeça para ele novamente, observando o boné escuro dos Rangers que ele havia puxado para baixo sobre a cabeça, as pontas do seu cabelo muito preto aparecendo em tufo. Percebendo que minhas mãos ainda estavam úmidas — não paravam de suar desde o momento em que eu havia entrado no carro —, limpei-as nas calças.

Ele piscou, quebrando o silêncio.

— Você tem identidade legal?

Havia identidades ilegais? Sim, eu não ia pedir esclarecimentos.



Saí da Pins and Needles às sete da noite. Em pouco mais de três horas, havíamos feito um tutorial sobre como usar o registro de agendamento e o calendário no computador, nos comunicando por meio de agrupamentos de duas palavras de instruções e grunhidos, após nossa maratona geral sobre contabilidade e documentação para folha de pagamento. Dex então apontou para uma câmera digital na beira da sua mesa e disse que eu precisava carregar fotos no computador e no HD externo diariamente.

Se eu perguntei onde fazer o upload dos arquivos? Um olhar para aquela boca retorcida me fez concordar com a tarefa. Não.

Apreendi onde tudo ficava guardado e escondido no estúdio observando para onde ele apontava: tintas, agulhas, luvas, garrafas de água, toalhas de papel, desinfetante, produtos de limpeza, tudo. Dex explicou brevemente como agendar sessões. Como lidar com o pessoal que chegava sem agendar, em diferentes contextos. O que dizer e não dizer aos clientes. Ele mencionou que havia quatro tatuadores trabalhando no estúdio, incluindo ele. A única outra pessoa que conheci foi um careca simpático chamado Blake, que tinha um piercing duplo nas sobrancelhas grossas e pretas e tatuagens multicoloridas que chegavam à mandíbula.

Tudo parecia bastante fácil.

Eu ainda não conseguia formar uma percepção concreta sobre o trabalho e muito menos sobre Dex, já que ele não sorriu uma única vez, mas tudo bem. O trabalho não me provocava pulos de alegria, mas eu não estava exatamente temendo a ideia de voltar para a minha cidade. E não era como se eu tivesse outra opção depois de olhar meu extrato bancário.

Eu aceitaria o que pudesse conseguir, droga.

Além disso, havia algo sobre o estúdio que me chamava. Talvez fosse porque eu esperava algum lugar decadente com clientes fedorentos, velhos que brigavam por causa de velhinhas e tinham mais pelos no corpo do que eu tinha de cabelos na cabeça.

Se bem que, por acaso Sonny era o que eu imaginava que um motoqueiro fosse? Sonny, com sua obsessão por consoles de videogame. Sonny, que peguei regando suas plantas certa manhã. Sonny, que me preparou receitas com tofu sem pestanejar.

Não. Ele não era.

Então tentei empurrar minhas preocupações para o fundo da minha mente, aceitando o fato de que talvez eu estivesse errada em ficar preocupada. Talvez.



A moto de Sonny, uma elegante Harley vermelho-escura que custava tanto quanto meu carro, estava na garagem quando estacionei em frente à casa dele alguns minutos depois. A casa térrea de Sonny era pequena e localizada em um antigo bairro de classe média-baixa. Famílias e jovens casais ocupavam as casas de um lado a outro do quarteirão, barulhentos e em constante movimento.

Era legal e eu gostava. Depois de morar em um apartamento onde as paredes eram tão finas que eu podia ouvir todos os programas de televisão a que meu vizinho assistia, a casa dele era incrível pra caramba. Era pintada de marrom-escuro e tinha um jardim na frente que teria sido bom se ele cortasse a grama com mais frequência do que a cada ano bissexto, e também era confortável. Não era exatamente o lugar onde eu imaginava que ele moraria, antes de digitar seu endereço no meu GPS. Embora não fosse necessariamente arrumada, não era um chiqueiro, mas ficou melhor depois que passei dois dias limpando o chão pelo que parecia ser a primeira vez desde que ele a havia comprado, sete anos antes.

Peguei a chave que ele me dera no dia em que apareci e entrei. A televisão estava ligada aos berros do outro lado da parede.

Sentado em sua poltrona favorita, Sonny sorriu para mim no minuto em que fechei a porta. Ele se inclinou para a frente, segurando o controle do seu PS3 em uma das mãos.

— Você sobreviveu, Ris? — ele perguntou, seu sorriso se alargando tanto que fez a espessa barba ruiva estremecer com o movimento dos músculos faciais.

A semelhança me deu um estalo inesperado. Quando ele tinha começado a se parecer tanto com nosso pai? Não que eu fosse perguntar isso em voz alta enquanto ele estivesse por perto, a menos que estivesse com vontade de ser beliscada.

Em vez disso, sorri, ao me sentar no sofá perpendicular a ele.

— Por muito pouco.

Ele riu, alto e profundo. Curt Taylor escritinho. Será que eles sabiam o quanto eram parecidos? Provavelmente não. Eu só tinha convivido com o velho por dez anos antes de ele ir embora, e isso tinha sido dez anos a mais do que Sonny conseguira. E embora eu não fosse mais exatamente a maior fã do nosso pai, Sonny se apaixonou por ele muito antes de mim. Um pai de merda que só aparecia uma vez por ano não ia ganhar nenhum prêmio, muito menos um pai que desaparecia do nada deixando mulher e dois filhos para trás.

Por mais que eu quisesse, tinha que me controlar para não o chamar de idiota, mesmo na minha cabeça. Prometi a mim mesma que não faria mais isso. Outra promessa que eu havia colocado na fileira arrumadinha junto com as outras ao longo do caminho.

“É assim que ele é”, *via-via* tinha dito uma e outra vez, apesar do quanto mamãe e eu quiséssemos lutar contra sua verdadeira natureza.

Tão, tão ignorantes ao fato de que a gente não consegue lutar contra os instintos de uma pessoa, mesmo que fossem terríveis, mesmo que causassem coisas ruins e dolorosas para aqueles com quem eles deveriam se preocupar.

— Eu sabia que seria você quem sobreviveria o dia inteiro — Sonny declarou em sua própria voz individual, que não se parecia em nada com o sotaque grave do nosso pai. Graças a Deus.

Espere um segundo aí.

— O que você quer dizer? — De repente, tive a sensação de que meu irmão havia me dado de comida aos lobos fortemente tatuados... bem, um lobo em particular. De propósito, caramba.

Sonny olhou para mim, e seus olhos castanho-esverdeados — a cor que nós dois havíamos herdado do nosso doador de esperma — se estreitaram. E então ele tossiu.

— Algumas pessoas já passaram por lá antes de você, garotinha.

Ele me chamava no diminutivo, como se eu fosse criança, havia tanto tempo que nem me incomodava mais. Mesmo que incomodasse, ele provavelmente só me chamaria assim com mais frequência. O que me perturbava era a sensação torturante de que ele estava escondendo alguma coisa.

— E?

— A maioria não passou da apresentação. Muito menos de algumas horas. — Ele deu aquele sorriso preguiçoso de novo. — Mas eu sabia que você ia sobreviver.

Foi a minha vez de estreitar os olhos para ele. Sonny nunca havia mentido para mim. Ele fazia o que tinha que fazer com sinceridade. Na verdade, era eu que escondia as coisas dele até o último minuto. Mesmo depois do último minuto, ele sempre me perdoava por mentir. Pelo menos chegava uma hora que ele perdoava. Eu não ia pensar que ele começaria a falar merda para mim agora.

— Acho que ele não gosta muito de nada.

Sonny bufou.

— Da última vez que falei com Trip, ele tinha chamado seis pessoas para serem entrevistadas no estúdio para essa função.

Seis pessoas? Cara...

Antes que eu pudesse me concentrar na ideia de seis indivíduos antes de mim serem expulsos, ele colocou um controle de jogo na minha mão e inclinou a cabeça em direção à enorme tela plana pendurada na parede. Se era estranho que ele estava mudando de assunto tão abruptamente, eu não percebi o motivo.

— Você pode sobreviver a qualquer coisa, garotinha, certo?

Maldito. Essas eram as mesmas palavras que eu jogava nele cada vez que algum assunto complicado parecia surgir do nada.



— Então você acabou de se mudar da Flórida?

Sorri com o canto do olho para Blake, que estava esparramado, casualmente, no sofá vazio ao lado da mesa da recepção

Era apenas meu segundo dia na Pins and Needles. Dex já estava esperando quando apareci dez minutos antes das quatro. Sob a luz do sol, suas tatuagens pareciam se destacar ainda mais contra a pele lisa e levemente bronzeada. Tons de azul, vermelho e preto travavam uma batalha que eu não achava que nenhum deles fosse capaz de vencer em escala majestosa. Especialmente quando tinham sido estampados nos cerca de um metro e noventa de forma impecável.

Por que ele não poderia pelo menos ser feio? Por alguma razão, lidar com uma pessoa sem paciência e pouco atraente parecia mais fácil de engolir do que com um lindo de morrer.

Ele estava do lado de fora do estúdio —o porquê eu não fazia ideia. Ele tinha uma chave, poderia ter entrado, mas eu não ia me incomodar em perguntar. Quanto menos interação tivéssemos, melhor, ao que parecia.

Seu corpo em ótima forma física estava apoiado nas paredes de pedra que separavam a Pins da imobiliária. Ele tinha um cigarro aninhado entre dois dedos, no qual dava profundas tragadas, olhando para a frente. Assim como no dia anterior, sua camiseta preta se esticava sobre o peitoral e braços —a única cor clara nele era o jeans desbotado que moldava suas pernas.

Belas pernas. Coxas grossas. Mas, o mais importante, as coxas de um babaca.

— Boa tarde. — As palavras mal saíram da minha boca e eu estava

me encolhendo. Eu realmente tinha dado boa-tarde? *Constrangedor, constrangedor pra caramba, Iris*. Tive que me livrar de pensar em suas coxas e como eu me sentia desconfortável quando puxei minha bolsa para mais perto do peito e forcei um sorriso tenso.

No momento em que eu estava perto o suficiente, ele desferiu seu olhar na minha direção e olhou para o relógio.

— Não gosto de ficar esperando. — Dex deu outra tragada no cigarro antes de jogá-lo no chão, esmagando-o com a sola da sua bota de motoqueiro.

O quê?

Por uma fração de segundo, tive vontade de olhar no relógio para confirmar, mas não o fiz. Eu sabia que horas apareceriam no visor. Eram 15h50. Não 16h; eram 15h50. Do que porra esse psicopata estava falando?

— Estou dez minutos adiantada — respondi, parando a um metro e meio de distância para não entrar em contato com a fumaça do seu cigarro.

Dex ergueu uma sobrancelha.

— Sim, e estou aqui há dez minutos.

Algo maldoso fez cócegas nos meus lábios, me incitando a morder a isca e ser tão insensível com ele quanto era comigo. Mas eu não poderia fazer isso. Não podia arriscar irritar um homem de pouquíssima paciência do qual eu precisava receber um contracheque. Então, engoli em seco com força e, num piscar de olhos, desejei que ele tivesse uma diarreia explosiva em algum momento no futuro próximo.

— Ok.

Deus, eu era muito molenga.

Mergulhando a mão no bolso da frente da calça jeans, ele tirou as chaves, me dando uma olhada antes de inclinar a cabeça para cima.

— E pare de usar essas roupas de patricinha. Estou vendo que você não tem nenhuma tattoo, mas também não precisa parecer uma garota de fraternidade.

Patricinha? Eu comprava a maioria das minhas roupas na arara de remarcações do supermercado.

No momento em que suas palavras —insultando minhas roupas —se

assentaram no meu cérebro, Dex já havia destrancado a porta e entrado.

Talvez devesse ter me incomodado que ele tivesse me mandado trocar minhas roupas de trabalho casuais, mas isso não aconteceu. A questão era: eu não poderia ficar tão chateada. Me senti resignada e aborrecida.

No meio do corredor quando entrei, Dex gritou enquanto andava na direção do escritório:

— Tem uma semana inteira de fotos para carregar.

Se eu tinha ideia do que estava fazendo? Nenhuma. Mesmo assim, conectei a câmera ao computador e, graças às minhas habilidades investigativas — e à opção de busca no sistema operacional —, descobri onde precisava colar e organizar as trinta e cinco fotos.

Isso era exatamente o que eu estava fazendo quando Blake entrou, se jogando no sofá como se fôssemos velhos amigos.

Fiz que sim para sua pergunta, sem me questionar como ele havia descoberto onde eu morava antes.

— Sim. Perto de Miami, bem, na verdade, é Fort Lauderdale. Miami é muito caro. — E era. Era totalmente. Completamente fora do orçamento de uma funcionária de atendimento ao cliente. Astronomicamente fora do orçamento para duas garotas desempregadas, o que só me lembrou que eu deveria ligar para Lanie em algum momento.

Ele fez um som de assobio.

— Sempre quis ir a Miami. Por que você se mudaria para cá?

Correndo o risco de ser rude, não ri.

— Meu antigo emprego teve muitas demissões. Como eu era uma das mais novas contratadas, eles me dispensaram primeiro. Não consegui encontrar outro emprego, uma coisa levou a outra e achei que seria melhor... — *abusar da boa vontade do meu irmão?* — ... vir para cá. O sr. Locke conhece meu irmão.

Blake riu alto.

— Sr. Locke? — Ele riu novamente. — Chame-o de Dex. Por favor.

Sorri para ele e dei de ombros. Não que ele tivesse me falado como eu deveria chamá-lo. Além disso, por mais quieto que ele parecesse, a última coisa que eu queria fazer era irritá-lo e chamá-lo de algo que ele

não aprovasse. Meu último chefe enlouquecia se não fosse chamado de “senhor”.

O que achei que merecia completamente o fato de chamá-lo de cretino quando ele não estava ouvindo.

— Da última vez que fui ao Mayhem, ouvi que a irmã de Sonny ou algo assim estava de visita na cidade — ele acrescentou.

— Você é... um membro do Fábrica?

— Não — ele respondeu instantaneamente, seu rosto corando com o que eu poderia assumir ser embaraço por descartar a ideia tão depressa. — Conheço Dex há muito tempo. É isso. Conheço todos aqueles caras. — Então ele mergulhou a faca. — Mas só ouvi falar do seu pai, nunca o conheci.

Precisei de uma pequena parte de mim para sorrir como se o que ele dizia não fosse grande coisa, quando ainda era. O que era idiota. Eu era velha demais para deixá-lo me incomodar. Tinha passado por coisas demais para me preocupar com onde ele estava e com quem mantinha contato, quando não mantinha contato com seus próprios filhos.

Mas me incomodou.

Eu havia passado de pensar nele uma vez por ano para, de repente, ser constantemente bombardeada com lembranças de algo —alguém — que eu preferia esquecer.

E isso deve ter sido perceptível no meu rosto porque Blake tinha uma expressão culpada.

— Vou pegar um refrigerante, você quer? — ele perguntou, já se levantando do sofá.

Evitando o constrangimento? Acho que eu já gostava de Blake.

— Não, obrigada.

Ele deu de ombros e estava ao redor da mesa um momento depois, sua camiseta da banda Meshuggah pendurada frouxamente nos ombros e seu jeans desbotados caindo, antes que ele estivesse fora da minha linha de visão. Isso meio que me fez sentir como uma vovozinha, vestida com calça social preta e uma blusa lilás até o cotovelo que cobria todos os meus valores carnais.

Eu só não estava com vontade de explicar meu braço. Tudo sempre mudava depois de A Conversa do Braço.

Enquanto pudesse continuar usando minhas camisas de mangas compridas, poderia adiar aquela bomba por um tempo.



Eu tinha passado a última hora olhando para a tela. As anotações que Dex havia me passado quase duas horas antes pareciam estar zombando de mim em um deleite mudo.

O que eu deveria ter feito era pedir a ele no dia anterior para me explicar mais uma vez como funcionava o programa.

Metade daquilo tinha sido mais do que fácil. Memorandos, datas, todas essas coisas que eu poderia deduzir. Mas já havia examinado a mesma planilha duas vezes e jurava que dois dos números no balanço estavam diferentes do que eram originalmente.

Putá merda.

Eu tinha duas opções. Poderia pedir ajuda a Dex ou procurar vídeos instrutivos sobre como usar o programa de contabilidade porque o botão Ajuda não foi tão útil quanto eu esperava.

Em retrospectiva, não sei ao certo por que escolhi perguntar a Dex em vez de sofrer ao longo de um vídeo de trinta minutos.

Mas me levantei e fui em direção ao seu escritório, sentindo aquela mesma vontade de vomitar do dia anterior subindo pela minha garganta.

Droga. Droga. Droga.

A pasta agarrou-se à ponta dos meus dedos quando parei do lado de fora da porta aberta. Dex estava à mesa, uma folha de papel aberta onde o teclado estivera no dia anterior. Um lápis balançava para a frente e para trás enquanto ele olhava para a folha, dois dedos beliscando a ponte do nariz.

No fundo, eu sabia que iria me arrepender disso. Eu realmente, realmente sabia.

— Hum, Dex?

Aqueles olhos azul-giz-de-cera deslocaram-se para olhar para mim. Sem emoção. Impassíveis.

— Fale.

Tive que engolir a vontade de vomitar quando levantei a pasta azul para ele ver. Minha boca, a traidora, ergueu-se em um sorriso nervoso.

— Estou tendo alguns problemas com aquele programa que você me mostrou ontem, e queria saber se poderia me mostrar como usar mais uma vez.

Ele não disse nada. Aquele olhar intenso e concentrado permaneceu em mim indefinidamente.

Continuei falando num murmúrio:

— Eu só não quero bagunçar nada de novo.

A piscada de Dex foi tão lenta que poderia durar um dia. A mão que protegia sua boca enquanto as pontas dos dedos beliscavam a ponte do nariz caiu. Ele soltou um suspiro fundo, direto das profundezas das monstruosas cavernas escondidas sob seu peito e abdômen definidos.

— Você já fodeu com tudo?

Droga tripla.

Eu já tinha sorrido para coisas piores do que Dex, então o fato de o sorriso nervoso permanecer no meu rosto não era uma surpresa.

— Posso ter bagunçado as coisas, mas ainda não salvei o trabalho. É por isso que esperava que você pudesse me ajudar.

Ele olhou para o teto e fechou aqueles olhos brilhantes.

— É do caralho. É do caralho.

Droga quádrupla.

Talvez eu devesse ter lhe dito que sentia muito por incomodá-lo, mas era mentira. Eu realmente não sabia muito bem o que estava fazendo e imaginei que estivesse economizando o tempo dele, pedindo esclarecimentos agora e não esperando até mais tarde e causando uma confusão maior. Certo?

— Eu já te mostrei como fazer essa merda ontem, garota. Não tenho tempo para pegar na porra da sua mão com esse negócio, beleza?

Mas. Que. Merda. Foi. Essa?

Algo que não era exatamente vergonha ou humilhação me percorreu.

Eu não tinha certeza do que era o sentimento, mas deixou uma camada terrível e pegajosa na minha pele.

— Vou te mostrar mais uma vez, mas se não consegue dar conta de uma coisa tão idiota quanto aquele programa, acho que não pode trabalhar para mim. Preciso de alguém para me ajudar aqui. Não tenho tempo para ficar ajudando a ajudante. Tá ligada? — ele perguntou naquele tom cortante e afiado, que poderia serrar pedaços de madeira.

Meus dedos se curvaram sozinhos ao mesmo tempo em que algo deu um nó na minha garganta. Eu era fracote e covarde. De onde essa pessoa tinha vindo?

Eu era bem passiva. Ok, extremamente passiva, mas poderia me controlar. Sabia quando dizer não. Sabia quando as pessoas estavam se aproveitando de mim. No entanto, lá estava eu. Deixando meu chefe irritado porque eu não tinha dominado uma tarefa na primeira tentativa.

Uma fracote covarde que foi lá e se sentou bem ao lado de Dex, o manejador do chicote verbal, e deixou que ele me mostrasse como usar o maldito programa de computador mais uma vez.

Parecia que as palavras entravam por um ouvido e se assentavam graciosamente no fundo da minha memória. Apenas balancei a cabeça durante toda a demonstração de quinze minutos, mantendo os olhos diretamente na tela e evitando todas as formas de comunicação com ele.

Quando o tutorial improvisado terminou, corri de volta para a recepção para recomeçar a planilha. Murmurei agradecimentos e enfiei o rabinho entre as pernas. Envergonhada e um pouco chateada não eram exatamente minhas emoções favoritas. Eu nem tinha sido capaz de olhá-lo nos olhos.

Depois disso, me mantive ocupada perguntando a Blake se havia algo em que eu pudesse ajudá-lo quando ele estava livre. Ele me mostrou como esterilizar os frascos usados para diluir a tinta e onde todos os tatuadores guardavam seus cartões de visita. Como usar o fax térmico na sala de descanso. Onde estavam os catálogos para pedidos de suprimentos — eu disse a ele que ainda não sabia como fazer isso e ele sorriu, prometendo que eu aprenderia em breve.

Eram quase oito horas e o estúdio estava vazio, Dex ainda não havia

saído do escritório e Blake havia desaparecido alguns minutos antes, quando bateu em mim uma vontade de fazer xixi. Corri em direção ao banheiro, ignorando a ligação telefônica no escritório de Dex, enquanto fazia o que tinha que fazer, e fechei a porta ao sair, pensando em quando poderia perguntar a Dex a que horas eu poderia fazer uma pausa. Havia trazido um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia na minha bolsa e...

— Até uma idiota do caralho consegue descobrir como fazer.

O piso de ladrilho carregava a conversa não tão silenciosa pelo corredor. Reconheci a voz profunda de barítono como sendo a de Dex, e meu estômago revirou.

Houve uma risada. Dele.

— Quero que se foda se ela é gostosa. Não estou a fim de molhar o meu pau. Preciso que alguém faça umas merdas no estúdio que não gosto de fazer. — Ele riu. — Cara, é pedir muito encontrar uma vagabunda confiável para ajudar por aqui?

Congelei por uma fração de segundo ali mesmo no corredor. As palavras penetraram nos meus poros, rejuvenescendo minhas células sanguíneas e, aparentemente, meus canais lacrimais também.

Ele achava que eu era uma idiota do caralho? Tudo porque eu tinha lhe feito uma pergunta simples?

Eu não era burra. Sabia disso. Sabia sem dúvida. Não tinha continuado os estudos porque não podia pagar, não porque não fosse inteligente o suficiente. E embora tivesse trabalhado para um chefe que era um cretino na empresa de cruzeiros, ele não era um cretino injusto. Era simplesmente um cretino excessivamente zeloso e trabalhador.

Ele nunca me chateou, porém, e ali estava eu. Parada como uma tonta patética que queria chorar. Bom, eu sempre queria chorar. Chorava quando estava feliz, triste, animada e frustrada com a vida. E eu odiava isso. Ainda mais agora.

Porque eu não deveria deixar merdas como a opinião distorcida de Dex me incomodar. Eu precisava de um contracheque como precisava da minha próxima respiração. Não deveria me importar com o que um motoqueiro delinquente pensava sobre mim, desde que ele me pagasse, certo?

Certo. Mas por que parecia que eu tinha levado uma facada no

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Under Locke"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).